

DA INDIVIDUAÇÃO À LITERATURA: OUTRAS POSSIBILIDADES DE PENSAR A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Alice Copetti DALMASO¹
Marilda Oliveira de OLIVEIRA²

RESUMO: Os escritos que seguem tratam de experimentar outras possibilidades de existir com e na pesquisa em educação. Para isso, atentamos ao que desejamos aprender ou a desaprender, que perguntas produzimos nas inquietações de sermos o que somos hoje, deixando vazar a insistência de uma escrita que perpassa, entre tantas coisas, vidas escolarizadas. A literatura de Mia Couto, e sua potência estética, experimentou aqui conversar com o filósofo da individuação, Gilbert Simondon, a possibilidade de pensarmos outros espaços e tempos de formação e de educação, arrastando as imagens que carregamos de mundo, de escola, de aluno, de professor, de humano, e de um ideal de pesquisa. Formação que sai da forma. Educação sem prerrogativa de bem e de mal.

PALAVRAS-CHAVE: Individuação. Literatura. Pesquisa. Formação. Experimentação. Diferença.

Partidas, meios e começos para pensar a educação

Este artigo não vem para falar de uma metodologia, de caminhos de verdades em educação, tão pouco de gêneros textuais e suas implicações numa pesquisa. Não tratamos de uma escrita que queira ser instituída, nem de um tipo de formação que deve ser combatida. Ele quer ser ele mesmo experimentação, de um forçar o pensamento, através da leitura e da escrita, outras possibilidades de existir com e na pesquisa em educação.

Presta-se atenção ao corpo que escreve, o que ele deseja aprender ou a desaprender. Com o que ele se incomoda, do que cansou de saber, ouvir e sentir. Que perguntas produzimos nas inquietações de sermos mulheres, professoras, estudantes,

¹ Doutoranda em Educação. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Membro do GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria – RS – Brasil. 97105-900 - alicedalmaso@gmail.com.

² Doutora em História, Geografia e História da Arte pela. UB - Universitat de Barcelona. Professora Associada II do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CE/UFSM). Santa Maria – RS – Brasil. 97105-900 - marildaoliveira27@gmail.com.

filhas, mãe, irmãs, gostando do que gostamos, fazendo o que fazemos, pensando o que pensamos, hoje.

As perguntas são existenciais e há momentos que nem mesmo as identificamos. Se as pinçamos agora, é porque as sentimos tanto que podemos inclusive pegá-las com as mãos. E na decisão de conhecer sobre o que nosso corpo deseja aprender, incitamos-as a provocarem a escrita – ainda incipiente – de outras pesquisas em educação. Neste contexto, as perguntas que produzimos “[...] são aquelas que dão sentido ao trabalho investigativo, aquelas que mobilizam a quem pesquisa, remexem todo o campo dos saberes e deixam tudo em aberto, num misto de incerteza e promessa.” (COSTA, 2005, p.200). Não nos ocupamos (nem agora e nem no futuro) em respondê-las. Usamos-as como ferramentas de produzir escrita, e de um estranhar-se com o naturalizado. Uma maneira de constituir um problema de pesquisa, suspeitando e indagando de realidades pré-dadas, das coisas, das práticas, receando “[...] a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado”. (CORAZZA, 2007, p.116).

Temos até aqui traçado algumas delas – que iremos esboçá-las mais à frente - e que procederam à angústia de ser o que se é, das repercussões que nos trazem até aqui, e das coisas que começamos a deixar escorrer pelas mãos, porque não nos servem mais. Estudar mais sobre essa “coisa” que parece que vai explodir, de uma sensação de sermos mais de nós mesmos, de constitutivamente não nos bastarmos e defasarmos-nos em relação a si próprios.

Tudo bem, mas, onde entra aí a relação dessa inquietação, da angústia que vaza, com a educação? Trazemos algumas sinalizações dessas inquietações formativas para pensar a individuação e a literatura como campo de possibilidades na educação.

Embriões, bebês, crianças, jovens, adultos, velhos e toda gama de objetivações a que se prestam necessitam ser tratados para o normal, para o que funciona e produz dentro de um ideal de vida em sociedade. E daí massa, população, povo, nação. Para defender a sociedade é preciso identificar e retificar os nascidos segundo um modelo que ofereça segurança, e o modelo genérico, o campo de possibilidades para a aplicação das forças, a massa moldável dos interesses gerais é o homem, ou melhor, o Homem. Assumidos homens, nos tornamos objetos do poder. Como homens não resistimos, antes, produzimos, pela funcionalidade das figuras que o humano tão bem deixa aderir e transporta e move dentro dos dispositivos. (CORRÊA, 2006, p.171).

Homem idealizado, na construção de uma sociedade escolarizada. Homem universalizado, dentro da construção de uma figura identitária, moldado para a convivência social: eis o indivíduo determinado, corpo limitado. É preciso, então, desanuviar o que perpassa a vida de qualquer indivíduo que tenha sido, compulsoriamente, escolarizado. Corrêa (2002) define a educação como uma característica que distingue o gênero humano e que, a partir de suas experiências e capacidades de construir ferramentas, delinea esse fenômeno como construção cultural, o viver em sociedade, viver junto. Sempre vivemos situações educacionais, de um indivíduo com outro, do meio de sociabilidade para com o indivíduo, e ainda “[...] do indivíduo ele mesmo com tudo que o cerca: a auto-educação – ou a leitura que o indivíduo faz do mundo a partir de suas experiências e capacidades.” (CORRÊA, 2002, p.74). Educar, então, não tem a finalidade de conduzir a um bem, a um ideal de humano e de sociedade: “[...] educação e processos educacionais não são bons. E não são maus. São processos de modificação.” (CORRÊA; PREVE, 2011, p.187). O erro, a vida e sua contingência, fazem parte do processo educacional, dados em sua coletividade, no tempo e espaço concernentes a esse meio, à produção e compartilhamento de signos diversos, numa rede de modos de vida.

Escolarização é também educar. Entretanto, está vinculada a objetivos institucionais: almeja-se com ela um tipo de homem e um tipo de sociedade. A escola funciona dentro desses objetivos como máquina, aparelho ou dispositivo. A ideia de dispositivo proposta neste texto é aquela pensada por Deleuze a partir de Foucault (DELEUZE, 1996), ou seja, como um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferentes. Linhas culturais, científicas, políticas, estéticas, históricas, que penetram coisas e palavras, produzem enunciados e verdades, orientam e capturam, que seguem direções, traçam trajetórias, processos em constante desequilíbrio, que ora se afastam ora se aproximam umas das outras. Estas linhas estão sempre sujeitas a variações de direção, linhas de fratura, fissura, outras mais rígidas. Desenredar as linhas de um dispositivo é sempre procurar perceber não somente as linhas que o constituem numa posição, mas as que o atravessam, o conduzem, e as mesmas que o atualizam, e que portam devir, “[...] que pode ser acionado pelo centro de decisões de qualquer poder (religioso e/ou político e/ou econômico) que esteja em vigência, onde se processa a fabricação desses indivíduos ‘ideais’ e, na lógica desses poderes, conseqüentemente, da sociedade.” (CORRÊA, 2002, p.74). Escolarizar é de uma ordem de exercícios próprios de comunicação-educação que se formam num bloco de estratégias pedagógicas: “[...] a

pedagogia que formam, como qualquer pedagogia, visa conduzir o outro rumo ao mesmo, adequar a uma realidade social, harmonizar o *socius* pela pacificação de cada um, pelo ajustamento à moral e pelo controle da potência de diferir.” (CORRÊA, 2004, p. 46). A associação entre comunicação-escola funciona em determinar um conjunto de ações que produzem uma ordem de caráter universal, difundindo valores de uma racionalidade científica-capitalista, legitimadas pelo Estado. Aí, entram facilmente pelas beiradas íntimas de nós mesmos, e em relação com os outros, a lei, a norma, os direitos e deveres. As ações pedagógicas, portanto, envolvem sempre grandes esforços para a produção de um tipo de homem, de preferência um homem que quer o que é bom para todos, o que de novo nos leva à moral, a representação de um ideal, ao rebanho normalizado: “toda pedagogia intervém para modificar os vários, difusos e imprevisíveis *quereres* de cada um num *querer normal*. Um querer sujeitado à norma”. (CORRÊA, 2006, p.24, grifo nosso).

Ou seja, a escolarização apresenta um aparato estatal que a origina e sustenta, como um subsistema ou órgão que tem como objetivo, ao se conectar com outros, agir pelo e com o Estado. Uniformizar a cultura, produzir subjetividades em série³ são garantias desse controle, formando espaços e tempos escolarizantes, selecionando saberes e dando a eles caráter de universalidade, inventando uma relação saber-capacidade, obrigando a frequência, desqualificando outras práticas em educação, seriando, avaliando e certificando, operações e empreitadas de uma uniformização cultural.

A educação que ocorre tanto em escolas públicas ou particulares, e mesmo em locais de ensino não propriamente formalizados, é controlada por leis que regem a educação nacional e que garantem o processo de escolarização estatal. Devem existir “garantias” que este processo se dê em todas as instâncias e idades, desenvolvendo um complexo de “[...] controle sobre o tempo, sobre os saberes e sobre os corpos que são exercidos por meio de programas de ensino, seleções de conteúdos, leis, horários, avaliações” (CORRÊA, 2002, p.75) que efetivem o disciplinamento por toda a sociedade.

Assim, ao longo da formação do corpo escolarizado, passamos a confundir o processo escolar com substância, materialidade em resultados. Acreditamos que quanto

³ Guattari e Rolnik (2005, p.33) nos falam das subjetividades fabricadas, modeladas, recebidas, consumidas dentro de uma escala planetária: “[...] assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são próprias, injeta-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva”.

mais longa a escolarização, mais sucedidos seremos, mais “venceremos”. Confundimos ensino com aprendizagem, “[...] obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo.” (ILICH, 1973, p.21). A educação tornou-se escolarizada, mas não só: a realidade social se tornou escolarizada, estando todos nós, em menor ou maior grau, escolarizados. E isso reflete nos nossos modos de existência: dependemos de alguém ou algo que nos “orienta”, que diga de que forma devemos agir, viver, se relacionar, amar, formar nossas vidas, definir e encarar os problemas. Avaliamos os outros conforme nossos juízos de valor, o que esperamos do outro, conforme o que categorizamos como melhor ou bom. O aprender por si próprio sempre parece enganoso, medicar-se é dado como irresponsabilidade, movimentos de resistência são dados como agressão ou subversão gratuitas. A capacidade de sermos auto formativos foi depreciada pela escolarização.

Vaza aqui, então, a angústia a qual mencionamos, a “forma homem” que agora explode a insistência dessa escrita que perpassa, entre tantas coisas, vidas escolarizadas, rumores de memórias corporais e incorporais, de alunas, mas também de professoras. A incipiência dessa escrita repercute do grito contido, do desejo de um fazer que capte signos que transmutem seu significado, a ponto de fazer vasculhar, forçando a invenção, à saída de formas, o aprender e o desaprender, o despojar-se de figuras representativas e carregadas, por sua vez, de verdades. Verdades de sexo, gênero, cor, raça, modos existenciais em suas multiplicidades. Tratamos de movimentar, colocar-nos em suspensão, problematizar, **resistir** com o que nos é possível e fazer enfrentamento aos modos que mantém constituindo nossos espaços e tempos de formação humana (grifo nosso). Não se trata, então, de construir discursos e de levantar bandeiras a favor ou contra a escola mas, sobretudo, de procurar rupturas para que a diferença que nos é constitutiva (e constituinte) se produza em existência.

A arte parte da natural ignorância do homem sobre seu interior (corpo e caráter): ela não existe para os físicos e os filósofos. (NIETZSCHE, S.d, p.152).

Usamos a escola para tratar do panorama desse dispositivo que faz parte de toda uma linha de montagem capitalista - da qual muitos outros dispositivos funcionam - e sua considerável influência em eliminar processos de singularização ou de individuação, de se apropriar dos nossos corpos e modulá-los. Essa escrita é, antes de tudo, o desejo de mudança de perspectivas e revoluções pessoais, que nos colocam em jogo pleno com

nos afetarmos de outras maneiras pelo mundo, transfigurar formas de sociabilidade, e afetar o mundo conseqüentemente. Pensamos, assim, na não idealização e construção do indivíduo, universal e acabado em si mesmo.

Pela arte das palavras temos aprendido a perceber a superfície das coisas, do homem que supostamente escondia um interior que não existe, posto que não há essência, substância que se alcance e que nos defina. Movimentar o pensamento para destruir o próprio pensamento das ideias arquitetadas para serem pensadas por toda a eternidade, e que impedem de a gente viver e pensar, efetivamente. Pelo corpo das palavras, pelo desfrute da língua (BARTHES, 2008), temos aprendido sobre a arte do questionamento incessante, de um exercício de liberação das figuras de identidades fixas.

Campo do pensar movido pelas forças, destruindo imagens de pensamento que nós mesmas produzimos, e construindo outros: dificuldade, mas que se faz presente, latente. Lançamos as inquietações esboçadas no início deste artigo, agora, em perguntas: Como resistir à lógica do universal, da identidade e da serialização, que nega a diferença em si? O que desejamos investir como movimento de pesquisa e vida? Como desconstituir-se, sair de si mesmo, vazar as formas? Como a literatura pode ajudar a pensar (e viver) o processo de individuação? A literatura - e sua potência estética - permite o desindividualizar-se, saída do campo da essência do ser (condutas, modos, categorias, representações de professor, aluno, mulher, homem, branco, negro, entre outros)?

Como pensar o processo de individuação a partir dos signos da literatura, mais especificamente, do escritor moçambicano Mia Couto? Eis um problema, demarcado pelas questões que o perseguem sem, no entanto, grudarem-se a ele, funcionando mais como um norte de forças que pedem passagem. Olhando para isso, recorreremos a algumas vozes que abordam o processo de individuação, de Gilbert Simondon, e seu eco no tempo, no corpo, no ser escolarizado, individualizado, universalizado num fim comum, que perpassa as barreiras que a escolarização instituiu e que mantemos instituindo uns nos outros, através de modos de produzir um sujeito não aceito e legitimado em seu tempo.

Construir esse pensamento do informe, de uma educação que desconstrua do que se entende por educação, pela identidade que opera a todo instante, na construção de rebanhos que nos tornam mais do Mesmo. Nos propomos ainda a movimentar uma escrita que deseja pensar a educação, e que deseja ser ela mesma pensada, como

processo de individuação física, orgânica, psíquica, percebendo se, em miúdos, aos poucos e resistidamente, nos constituímos em outro(s) corpo(s) e produzimos com quem lê (quem sabe?) outros corpos. Como se faz? Aprendendo pela raspagem das palavras pode ser um caminho, na tentativa de saída das imagens que carregamos de mundo, de escola, da imagem de um ideal de pesquisa, de aluno, de professor, de profissão, de universidade, de vida, de humano.

Vamos assim, errantes, decompondo, recompondo outras imagens, experimentando habitações, travessias, atravessamentos e devires. Poetizando, seguimos Tateando, na intenção de:

[...] produzir, fabricar, inventar, criar sentidos novos, inéditos [...] aguçar os sentidos para ver, sentir, escutar, falar e escrever de modo distinto. Significa também entrar no jogo da disputa por produção de sentidos sem jamais perder a poesia. Significa, enfim, buscar invenções que apontem para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.37).

Morrer e repetir em nascer, porque somos múltiplos

Viver como fluxo e perder a crença num Eu-essência. Deixar de operar como um ideal construído de si mesmo é talvez encontrar e poder instaurar um máximo de conexões, circular pelo que ativa, vibra, toca, surpreende, movendo-se pelo devir em suas lentidões, correntes, sopros, transmutações e deformações.

Quando se trata, entretanto, de explicar a individualidade, de maneira geral, procuramos achar o elemento primordial que dá origem a um ente pronto, realizado, acabado (em torno de si). O interesse de Gilbert Simondon é abandonar essa polaridade do indivíduo: o ponto de partida e ponto de chegada. A intenção é pensar na operação (e não no princípio) da individuação, no individuar-se, nesse intervalo ignorado em que reside a própria vida. Pensar o indivíduo se realizando em sua processualidade, sem procurar no passado um princípio que o justifique no hoje, posto que é no presente que o indivíduo se individua. Interessa, assim como a Simondon, conhecer o indivíduo pela individuação, e não a individuação pelo indivíduo (COSTA, 2002).

Não pensar o indivíduo como uma substância ou matéria que já porta todo seu sentido, reduzido a algo pronto e pré-determinado, pode soar como estranho, principalmente nos interstícios educacionais. Há uma exigência maior do pensamento em conseguir se apreender como ato, e não como algo que é uma unidade, pré-definida

e fechada em si mesma. Somos agentes do ato de individuação, através do qual nos manifestamos e existimos (SIMONDON, 2009). Carregamos, armazenamos, transformamos e reatualizamos um esquema que nos constitui, e o propagamos ao individuarmos-nos, ao vivermos. É nesse sentido que nunca estamos acabados, finalizados, porque permanecemos nos individuando ao longo da vida.

Atentamos a isso, a esse ente que se apresenta em seu imediatismo - e não a sua constituição material ou formal -, em sua própria operação de individuação, para incitar o movimento de deixar de pensar o indivíduo pronto. Para tanto, é preciso perceber o indivíduo tomado como próprio “[...] meio de individuação, um meio que implica uma realidade pré-individual, um campo de singularidades pré-individuais.” (ORLANDI, 1993, p.90). Ou seja, nossa natureza carrega uma “carga” em constante movimento de diferenciação, como uma condição, prévia (pré), de todo processo individante. Não somos somente resultado, mas mesmo meio de individuação: “nos alimentamos desse meio, carregamos ele conosco, nosso suporte de realidade ainda não individualizado.” (DELEUZE, 1993, p.120). Esse meio é intrínseco a nós e fundamenta a nossa gênese, colocada em atividade no decorrer da formação e do nosso desenvolvimento.

Esse meio (pré-individual) funciona tensionando nosso estado, mantendo determinado nível potencial no indivíduo, possibilitando que incontáveis individuações sejam possíveis. É uma tensão que funciona como condição de vida do vivo, o que permite que o processo de individuação não cesse: enquanto a dimensão do que está individuado (modo de ser no tempo, fase: fasado) ostenta um aparente contorno, formando uma “homogeneidade interna”, a outra dimensão anterior ao indivíduo (pré-individual) nos caracteriza como sendo essa inexistência de limites, formas e simetrias heterogêneas (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009). Ou seja, o indivíduo enquanto indivíduo se dá através dessa ressonância interna, essa tensão: “[...] ela existe no sistema do indivíduo, e não apenas no que o indivíduo forma com o seu meio” (SIMONDON, 1993, p.105) e é o que permite não esgotar nossa realidade pré-individual, a natureza que permanece associada a nós, essa carga de estados futuros de onde podem sair outras tantas e novas individuações.

Portanto, o ser para Simondon (1993) não é um universal dado, devendo ser pensado pela potência de suas relações diferenciais no processo de individuação. Não vê diferença na realidade entre homens e animais quando reporta o vivo na mediação entre sua carga pré-individual e o que está individuado no indivíduo.

El individuo ya individuado, es decir, determinado y empobrecido en sus potenciales sólo es una abstracción, puesto que el proceso ontogenético es un complejo temporal y topológico, simultáneo y continuo. En el proceso de individuación vital siempre quedará un resto pre-individual ajeno a lo individuado. (CANGI, 2008, p.84).

O processo de desenvolvimento do vivo é sempre algo em devir, momentâneo, temporal, aquém de modelos representativos que concebem o indivíduo como algo constituído. Por isso é que o “resto” que carregamos, a carga tensionante indiferenciada, mantém aberto o limiar que se expressará como singularidade, na relação com o mundo.

Estendemos essa percepção do ser de Simondon e da individuação aos modos docentes: de indivíduos pensados como uma carga de possível, onde se consiga observar a eventualidade do ser, porque somos parte de alguma coisa que não se definiu ainda, portando o devir; devir como dimensão do ser, que o coloca em defasagem de si próprio, “[...] de resolver-se defasando-se.” (SIMONDON, 1993, p.101). Resolver-se, indo de um a outro(s), cancelando-se e fazendo brotar outro(s). O devir é a própria individuação, a própria operação enquanto se efetua, fazendo com que sejamos, então, uma aparição de fases. Enquanto individuado, somos situáveis, somos “alguma coisa”. Somos aí fasados, porque individualizados. Mas a operação não cessa, alguma fase de devir conduzirá a novas elaborações, a novas individuações.

História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém sente uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens. Agora, enquanto desembrulho minhas lembranças eu aprendo meus muitos idiomas. Nem assim me entendo. Porque enquanto me descubro, eu mesmo me anoiteço, fosse haver coisas só visíveis em plena cegueira. Nasci de ninguém, fui eu que me gravei. Meus pais negaram a herança das suas vidas. Ainda sujo dos sangues me deixaram no mundo. Não me quiseram ver transitando de bicho para menino, ranhando babas, magro até na tosse. (COUTO, 2013, p.29).

Escrever lembrança do que fomos, do que acreditamos ser e nos embrenhamos nos acordes de um passado de muitas vidas, fazendo do presente gravidez de possibilidades conjugadas, por carregar tantas linguagens, tantas formas diferentes das que conhecemos. Nascer, nascer e morrer num transitar de vidas, banhar-se desse sangue na natureza de muitos. Empobrecidas de mundos, inundar-se, quando fechar os olhos, na imensidão de composições, agenciamentos, permutações de verbos: correr, arrastar, grunhar, ranhar, cuspir, cegar, anoitecer, esverdear, ensolarar, escurecer, ventar, babar, aguar, chover. Inventar o absurdo que se esconde. Queremos ser bicho

que nasce em gente de mil vidas. Explodir o tempo inimigo e deixar compor universos de luzes que caem. Falar, escrever e cantar palavras que ressonam no peito a sensação de que outrora nunca as escrevemos, ouvimos e sentimos. Em meio à dinamite de sonhos de menino que se sente bicho, dormirmos embaladas pela certeza incerta: somos feitos de vidas em caminhos desconhecidos, em mundos de outrem.

Foucault (1992, p.25), ao tratar da representação, afirma que:

[...] por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem.

As palavras constituem nossos modos de ver o mundo, e igualmente, desconstituem modos de ver o mundo. Operar nelas uma forma de inventar uma língua, fazendo movimentar uma pesquisa que crie outras imagens de mundo(s), sempre transitórias, contornam as vidas da qual a educação contempla.

Movidas pelas palavras de Mia Couto, que nos lançam à angústia de interpelar categorias prontas. Quem quer ser mexido, provocado, desinstituído de seu lugar identitário, que o situa, conforta e abriga? Sempre penoso desconstruir o que tomamos como dado, a forma homem, entidade acabada, definível e resoluta; indivíduos que carregam imagens prontas de si, formados demasiadamente, mergulhados em certezas, carregados de verdades. Desinvestir no indivíduo/professor, por exemplo, é mostrar a sensibilidade impessoal, coletiva e singular que portamos. E realizar esses lances de pensamento implica a possibilidade de engendrarmos uma política que dissemina “[...] combinatórias, silêncios, transmutações de coisas, eu e impessoais parasitados.” (HENZ, 2010, p.5). É retirar das formas construídas algo intrínseco do indivíduo fechado em si mesmo, na crença de uma identidade, para construir esse ser individuado como incompatível consigo mesmo.

Penoso exercício esse que, pela escrita, não quer cair de novo no jogo do ideal. Para isso procuramos, ao longo do escrever, experimentar o perspectivismo⁴, “escreviver” a suspensão, o problematizar e problematizar-se, resistindo, fazendo enfrentamento aos modos que mantêm constituindo espaços e tempos de formação,

⁴ “[...] multiplicação dos pontos de vista, deslocamentos constantes, inversões de estimativas de valor, a cada passo, velhos e novos ídolos sacrificados, o golpe do martelo, o assalto, a alegria que afirma o movimento e pratica a ironia contra si mesmo”. (JUNIOR, 2004, p.95).

quais sejam: tempos e espaços escolarizados que direcionam a atenção e o aprender para resultados e não para seu processo, desconsiderando a condição do trabalho sobre si mesmo, do cultivo de um aprender pelo encontro; tempo que desconsidera o presente e nossa imersão nas experiências que nos acontecem agora, confiando nos processos naturais que nos constituem. O tempo e o que forma o espaço, ao nosso entorno, desse modo, tornam-se sempre representativos e impossibilitados de serem inventados. Trata-se de arrastar a imagem de indivíduo-professor/ indivíduo-criança/ indivíduo-adulto para lugares irreconhecíveis, inauditos, imperceptíveis, na tentativa infinita de elevar a potência de sermos outros e nos encontrarmos com estes outros.

Os pássaros! Mais de infinitos, cobriam toda a esquadra. Nem o mundo, em seu universal tamanho, era suficiente poleiro. Tiago se acercou da cela, vigiou o calabouço. As portas estavam abertas, a prisão deserta. O vendedor não deixara nem rasto, o lugar estava amnésico. Gritou pelo velho, responderam os pássaros.

Decidiu voltar à árvore. Outro paradeiro para ele já não existia. Nem rua nem casa: só o ventre do embondeiro⁵. Enquanto caminhava, as aves lhe seguiam, em cortejo de piação, por cima do céu. Chegou à residência do passarinho, olhou o chão coberto de pétalas. Já vermelhas não estavam, regressadas ao branco originário. Entrou no tronco, guardou-se na distância de um tempo. Valia a pena esperar pelo velho? No certo, ele se esfuara, fugido dos brancos. No enquanto, ele voltou a soprar na muska⁶. Foi-se embalando no ritmo, deixando de escutar o mundo lá fora. Se guardasse a devida atenção, ele teria notado a chegada das muitas vozes.

- *O sacana do preto está dentro da árvore.*

Os passos da vingança cercavam o embondeiro, pisando as flores.

- *É o gajo mais a gaita. Toca, cabrão, que já danças!*

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolviam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes. (COUTO, 2013, p.70, grifo nosso).

O negro vendedor de pássaros, Passarinho, alegrava crianças com seu canto, misturado ao das coloridas e admiráveis aves. Seu modo de ser incomodava a

⁵ Entendido como um buraco no tronco da árvore.

⁶ Mía Couto traduz Muska como nome que, em chissena, se dá à gaita-de-beiços.

vizinhança branca, o mundo adulto. Tiago fora a criança que se deixou sentir por Passarinheiro, encantando-se com seu mundo: estudava-o de mansinho, até chegar a sua casa, o embondeiro. Passarinheiro, com suas aves chamarizes, que ninguém mais via na região, ameaçava os brancos por ser negro, alegre, vendedor de pássaros, encantador das infâncias, mais mundo que gente: para mistério dos vizinhos, ele era a própria árvore, vestida de flores e chamariz de belas aves. Tiago, ao tentar salvar Passarinheiro de emboscada dos homens se esconde em morada do negro. Entre real e imaginário, Mia Couto nos faz aprender com um menino desejoso que, em seu campo de individuação prévia, potencializa a diferenciação, entregue em sua vontade de se misturar em cinzas, madeira, árvore.

Criar morada em árvore, fazer chama de fogo que queima em sonho. Embeber-se de um modo de ser tronco no desencanto aceito de não bastar-se na pele de criança. A criança que desconhecemos porque ainda não aprendemos a olhá-la com curiosidade, é impelida por forças de deixar de ser fasado, individuado. Acomodar-se como um filho, arrastar-se como folhas e pétalas no chão, minhocar pelas troncos e madeirar nas nuances de matéria viva, como se fosse a própria árvore. Outras maneiras de sentir, de ver, de ouvir, de viver ... e de morrer.

Estados futuros: as mortes em outros, morte aceita, em nascença de devires. Inventar maneiras de conjugar a vida as curiosidades de se metamorfosear em chamas, pássaros [...] passarinheiros, passarinhando. Arborescendo, nascer. De nossas fugas para o que chamamos de eu, na superfície que escorrega o desejo de desaparecimento, de destrezas de um ideal, constelações de um plano em que tudo pode. Um pouco de sonho, de pré-individual, para tornar possível outros mundos, outras relações com as coisas que tocamos e nos dispomos a conhecer. Para além de percepções sobre vida, estas escritas de Mia nos levam a um mundo de irreflexões, de não-sentidos, de antipredicados. Por isso, não implica em interpretar o autor, vício cognitivista, mas de experimentar com ele essa dissipação de sujeito e objeto, no contágio de suas palavras.

Não produzir homens, séries de prescrições em atos e dizeres do que devemos ser, de como devemos viver, que escapa do juízo, do bom senso. Encontrar em seu próprio corpo a sua verdade, em sua causa única, de construir outras instâncias de conhecer, de aprender. Fugir, encostar-se em tronco, acolher-se em ventre de *embondeiro* para, quem sabe, desistir de carregar fardos, investir em faltas, na afirmação social de homem bom. São palavras cravadas em perspectivas de viveres que se que constroem outros de nós, outros de mim e de você, leitor.

Múltiplo. Esforço de experimentar a multiplicidade do mundo, contida em vida. Acreditar nesse escorregadio modo de ser ao viver no mundo como um ambiente de experiência onde todas as coisas participam das nossas vidas e nossas vidas tornam-se e participam de cada coisa no mundo (MERLEAU-PONTY, 2006). Também nós tentamos convertermo-nos em outro corpo que não o de pessoa para demorar nossa constituição infinita de não sermos nada além de um breve momento identitário.

Desdomesticar-se. Criar casa onde não se tem família, com seres que não são, que são tudo, que estão entre um e outro. Inventar a realidade e dizer a ela que não está dada, não há verdade a ser revelada, desnudada, percebida. Aprender com isso, ao revisitar lembranças de um desejo de ser outra coisa diferente do que somos [...] e fazemos. Abrir as vigas que criam um espaço imóvel e deixar a constituição de vozes gritarem: vozes de infinitos devires desconhecidos, ainda não individuados, porque em processo. É permissão para sentir a existência de outros em nós coexistindo com o mundo. Formação que sai da forma. Educação sem prerrogativa de bem e de mal.

Vamos, então, percebendo com cuidado algo despertar com força: experimentar um tempo irreconhecido. Um tempo não-padronizado que, parte das vezes, ignora e negligencia o sentir. Que haja a liberdade de sentir qualquer coisa, modos de delírio, desvios, intermitências, gagueiras, cambaleamentos, ausências, lentidões, silêncios, angústias. Um pouco mais de espaço de viver bem, na liberdade de não travar as forças que nos percorrem e solicitam um caminho de realidade. Poder inventar esses tempos e sentir as incongruências que não estão autorizadas no tempo e nos espaços de vida escolarizados, da identidade, do demasiado humano e idealizado. Trata-se de uma pluralidade de modos de existir na formação, qualquer que seja, e de vivê-la na contingência dos encontros da vida.

A literatura que nos ensina, que emite signos, alimenta a fluidez e nos carrega ao instável do mundo, ao inacabado, ao resto que nos coloca em encantamento movente de experienciar as coisas que nos escapam, porque não conhecemos, mas que insistimos em esquecer que desconhecemos. Não se trata de ensinar uma escrita do não-sujeito, do não-objeto ou propriamente dos processos de individuação que os engendram, mas sim de criar e mobilizar esse pensamento a partir de uma escrita (e vice-versa). Não se trata de ensinar, pedagogizar, mas aprender. Seguir as palavras, como nos diz Deleuze (2006), os encontros, o animado e o inanimado, não para representá-las, mas em busca de suas singularidades, decifrando-as, aprendendo com elas. Desconhecer-se num processo contínuo de produção de si mesmo: individuação.

**FROM INDIVIDUATION TO LITERATURE: OTHER POSSIBILITIES TO
THINK ABOUT RESEARCH IN EDUCATION**

ABSTRACT: *The writings that follow talk about to try other possibilities of existence with and in educational research. In order to do that, we look to what we want to learn or unlearn and we look to what questions are produced about the anxieties of being what we are today, leaving the insistence of a writing that permeates, among many things, educated lives. In this study, the literature of Mia Couto, and its aesthetic power, tried to dialogue with the individuation's philosopher Gilbert Simondon in order to think about the possibility of other spaces and times of training and education, dragging the images we carry about the world, the school, the student, the teacher, the human, and about an ideal research. It is a training that subverts the shape. Education without prerogative of good and evil.*

KEY WORDS: *Individuation. Literature. Research. Training. Experimentation. Difference.*

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANGI, A. Anomalías. Gilbert Simondon, una filosofía de la individuación (posfácio). In: SIMONDON, G. **Dos lecciones sobre el animal y el hombre**. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2008. p.84-109.

CORAZZA, M. S. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p.102-127.

CORRÊA, G. C. Do livro de receitas: como produzir um homem. In: PASSETI, E. (Org.). **Kafka, Foucault: sem medos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p.45-54.

_____. **Educação, comunicação e anarquia**. Procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. O que é a escola? **Verve: Revista Semestral do NU-SOL** – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP, São Paulo, n.1, p.51-83, 2002.

_____.; PREVE, A. M. H. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**. Sorocaba, v.37, n.2, p.181-202, dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=652>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

COSTA, M. V. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.199-214.

COSTA, R. Gilbert Simondon e a operação de individuação. In: LEÃO, L. (Org). **Interlab: labirinto do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras, 2002. p.299-303.

COUTO, M. **Cada homem é uma raça**. Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DELEUZE, G. Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica. In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993. p.119-124.

_____. **O que é um dispositivo?** Tradução e prefácio de E. Cordeiro. Lisboa: Ed. Vega – Passagens, 1996. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

_____. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.92-108.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de S. T. Muchail. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HENZ, A. Lépuisé: uma política em Beckett e Deleuze. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.9, p.77-92, 2010.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. 2.ed. Tradução de L. Mathilde. Petrópolis: Vozes, 1973.

JUNIOR, O. G. De Nietzsche a Foucault: impasses da razão? In: PASSETI, E. (Org.). **Kafka, Foucault: sem medos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p.98-102.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.23-45.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. Texto Integral. Tradução de A. C. Braga. 2.ed. São Paulo: Escala, [S.d].

ORLANDI, L. B. L. O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993. p.87-96.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. In: PELBART, P.; COSTA, R. (Org.). **O reencantamento do concreto**. Cadernos de subjetividade. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993. p.98-117.

_____. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. Buenos Aires: Ediciones La cebra y Editorial Cactus, 2009.